

Coligação PT-PDT passa no teste do duplo palanque no Rio Grande do Sul

Olívio e Emília esquecem que são adversários durante a visita de Lula e Brizola

Florência Costa

Enviada especial

• PORTO ALEGRE. Os candidatos Luiz Inácio Lula da Silva e Leonel Brizola passaram ontem pelo primeiro teste do palanque duplo no Rio Grande do Sul, onde PT e PDT não conseguiram se coligar nas eleições estaduais e por isso lançaram candidatos próprios. O candidato a governador pelo PT, Olívio Dutra, e a senadora pedetista Emília Fernandes nem pareciam adversários quando foram recepcionar Lula e Brizola no aeroporto, com dezenas de militantes e assessores carregando bandeiras dos dois partidos.

Sorridentes, os dois candidatos ao Governo gaúcho passaram o dia todo ao lado dos candidatos a presidente e vice-presidente. Com Olívio e o governador licenciado Antônio Britto (PMDB) na frente nas pesquisas — Emília não deslanchou até agora — PT e PDT estão conseguindo conviver em paz. Ao lado dos dois candidatos, Brizola chegou a afirmar que não haveria diferença se um ou o outro vencesse a eleição.

— O povo gaúcho vai decidir entre Olívio e Emília. Tanto faz dar na cabeça como na cabeça dar. Quem ganhar vai ajudar o outro — assegurou.

Na sua primeira viagem de campanha depois da oficialização da candidatura, Lula procurou o tempo todo transmitir a idéia de que, apesar de terem candidatos diferentes ao Governo do estado, PT e PDT não estão separados:

— É uma experiência sui generis fazer campanha para dois candidatos a governador. É possível ter dois candidatos diferentes, ter campanha éticas. É um aprendizado para todos. Em algum momento vamos nos juntar em alguma esquina do Rio Grande do Sul.

Ao desembarcar em Porto Alegre, de manhã, Lula deu uma en-



O EX-PREFEITO DE PORTO Alegre Tarso Genro, Brizola, Emília, Olívio e Lula: confraternização no aeroporto

trevista relâmpago no Aeroporto Salgado Filho, prometendo aos jornalistas que falaria com calma mais tarde. Mas até às 18h o candidato, demonstrando mau humor, recusou-se a conversar com a imprensa. Apesar de ser considerada o pontapé inicial de sua campanha, a extensa agenda do candidato e de seu vice pelo Sul do país não foi divulgada até a noite de anteontem, véspera da viagem, pelo comando nacional da campanha de Lula.

Do aeroporto, os candidatos partiram de ônibus para a cidade de Capivari do Sul, a 70 quilômetros da capital, no Litoral Norte, centro produtor de arroz. Lula escolheu esse roteiro para criticar a política agrícola do Governo Fernando Henrique Cardoso. Lula e Brizola visitaram a Cooperativa Rizícola Pitangueiras, à qual estão associados micro e pequenos

plantadores de arroz da região. Diante de um grupo de dezenas de agricultores e produtores, Lula voltou suas baterias contra o Governo federal, acusando-o de sucatear a agricultura no país. Rui Polidoro pinto, presidente da Federação de Cooperativas Agropecuárias do Rio Grande do Sul — que representa 230 mil famílias associadas às 170 cooperativas agropecuárias da federação — entregou a Lula um documento com reivindicações do setor que será entregue a todos os candidatos.

— Começamos a campanha pelo Sul para simbolizar a agricultura brasileira, que é um dos pontos fracos da atual política do Governo. Em 1997 importamos US\$ 7,5 bilhões de produtos agrícolas. Nosso plantadores de arroz estão passando privações. Eles não têm certeza do financiamento

porque a política de juros muda a toda hora. Não vamos fazer política agrícola com medidas provisórias. No nosso governo, vamos ser eternos negociadores. Vocês não serão nunca pegos de calça curta por notícias de rádio e TV e não serão mais vítimas das intempéries e da cretinice da equipe econômica do Governo — atacou Lula.

A visita de Brizola à região teve, para ele, um sentido emocional. Em 1961, quando era governador do Rio Grande do Sul, Brizola e a primeira dama, dona Neuzza, doaram 1.100 hectares de uma fazenda de três mil hectares para reforma agrária.

— Era um assentamento muito bom, com infra-estrutura, escola, casas. Cerca de 60 famílias foram beneficiadas. Mas, com o golpe de 64, destruíram tudo, prenderam os assentados — lamento. ■

Agência RBS